

PLURALIDADE

Existências Corpóreas

A reencarnação é um dos princípios fundamentais do cristianismo primitivo.

Os apóstolos tinham como verdade incontestável que João Batista era a reencarnação do profeta Elias pelo que sabemos através da leitura do Evangelho segundo Mateus: «Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João – e se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir – quem tem ouvidos para ouvir, ouça.» (Mt 11,13-15)

E mais adiante, em Mateus 17,10-13 lê-se: «E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: porque dizem então as escrituras que é mister que Elias venha primeiro? - E Jesus respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; - mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. - Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista».

Aquilo a que chamamos Justiça Divina processa-se através de vidas sucessivas nos mundos da forma onde o homem se vai confrontando com os erros de vidas passadas. E desse modo, vivendo-os, sofrendo-os – pois só vivendo se sabe – e vivenciando-os, vai construindo a sua consciência dos valores espirituais.

A este processo chama a Doutrina Espírita a Lei de Causa e Efeito. Para a compreender na sua verdadeira justiça temos que tomar como base que essa evolução não é mais do que assimilação consciencial, tornando a consciência do ser cada vez mais abrangente.

Deste modo a nossa alma creada simples e ignorante, vai evoluindo, no seu trajecto, em conhecimento que a levará à superior sabedoria.

A doutrina de uma vida única na forma que ronda actualmente os setenta, oitenta anos, destrói, de uma assentada, o objectivo do Creador que é o aparecimento de seres cada vez mais perfeitos em espiritualidade e sabedoria.

Por isso, nesse trajecto, deu o Creador ao Homem o livre arbítrio e a inteligência como elementos de que o Homem dispõe para a sua gradual evolução por transformação da sua sensibilidade e de conhecimento vivido como ser humano.

Podemos assim dizer que o Creador creou o Homem até determinado estágio para que ele se acabe de criar.

Neste processo, na análise que faz de si próprio após cada vida na forma, torna-se – em consciência – réu e juiz em causa própria, onde nada fica excluído.

Por outro lado é evidente que uma vida na Terra tem um tempo extremamente curto para o aperfeiçoamento da alma, que foi creada simples e ignorante e, por isso, com necessidade de vivenciar toda a criação para adquirir todas as nuances e particularidades nela inerentes.

A doutrina de uma vida única salienta as acções e pensamentos bons e maus como produto de um espírito ignorante e, de uma vez, sem qualquer outra oportunidade, tem como destino o inferno, o purgatório ou o céu. Em alguns casos até se acredita na extinção da própria alma como individualidade.

Jesus nos diz, na parábola do bom pastor, que o pastor deixou todo o rebanho das ovelhas para ir recuperar a que se tinha perdido. Pensamos que Deus é amor e que a crença numa vida única não abona nesse sentido pois pensamos que, sendo assim, haveria neste mundo muitos melhores pais que Deus.

Temos como princípio que o espírito é a centelha divina, imutável – a fonte infinita da sabedoria e do poder espiritual – que vive no Homem e que através da intuição vai fornecendo ensino à alma vivente, que é a individualidade do ser humano, na medida em que esta vai obtendo as condições necessárias no seu trajecto evolutivo.

A alma é a nossa individualidade, semi-espiritual, semi-material, sujeita à mutabilidade do aperfeiçoamento pela acção interior do Deus imanente que é espírito conforme nos diz Jesus – «Deus é espírito» – e pela observação e estudo do exterior da criação.

O corpo é o veículo de que a alma se serve, nos mundos da forma, para a sua aprendizagem evolutiva a caminho da perfeição e do amor de Deus.

Como a alma é semi-material e semi-espiritual, ela só conseguirá atingir as condições para a união com Deus, que é espírito puro, quando se despojar da parte material e adquirir a virgindade espiritual – parábola das noivas.

Como vemos, o espaço de tempo de uma vida terrena é insuficiente para que o Homem atinja um estado de pureza espiritual, o que não é difícil de perceber dado que ele sabe, em verdade, através da sua consciência, que ainda tem imensos defeitos, vergado ao peso de vícios, sentimentos inferiores e desmandos morais.

O supremo artífice do universo deu, a todos os seres, infinitas e iguais possibilidades de ascese pois inseriu, na criação, instrumentos de toda a ordem de características – tantos quantos os necessários – para que a alma humana possa atingir a angelitude e cumprir todas as suas missões para o conseguir.

Até ao dia de hoje muitas investigações foram feitas por entidades credíveis onde se comprova que pessoas encarnadas – mais no período da infância – se lembram de outras vidas, até de familiares e lugares que, na presente vida, nunca viram. Investigadores de reconhecida credibilidade acompanharam pessoas com essas memórias a lugares onde foram dadas provas do parentesco e sítio onde viveram, embora nunca tivessem lá estado na presente reencarnação.

O esquecimento das vidas passadas pelo ser manifesta a perfeição da objectividade da criação e o infinito amor de Deus ao estabelecer em suas leis cósmicas este dado, de modo a obstar ao trauma de tantas iniquidades praticadas no passado, facilitando assim não só a transformação do nosso ego, como o teste do nosso comportamento seguinte.

No advento da Doutrina Espírita, que ensina a Lei da Reencarnação, muitos foram os homens de ciência que, na altura, aderiram a este princípio e lhe deram o seu valioso contributo pois a crença na reencarnação não é de hoje, mas de sempre.

Se não tivessem existido com objectivos escondidos, o primeiro Concílio de Niceia no ano de 325 d.C. e o segundo de Constantinopla no ano de 553 d.C., a lei da reencarnação continuaria a ser tema de base das religiões ocidentais.

Milhares de pessoas no Ocidente estão aderindo à Lei da Reencarnação que é, por si mesma, uma consequência da Lei de Causa e Efeito, dada a sua reconhecida capacidade de explicar os paradoxos que, à saciedade, apresenta o trânsito da alma na vida terrena.

No Oriente, a Lei do Karma sempre foi lei absolutamente estabelecida.

Vejamos alguns dos pensamentos que fomos registando ao longo de nossas vidas e alguns bem populares:

- A dor é a colheita de uma voluntária má semente.
- Quem semeia ventos colhe tempestades.
- Todas as transgressões provocam uma reacção, alteram o equilíbrio da lei, que tem de ser inexoravelmente restaurada.
- Todo o mal recai sobre quem o pratica. Da mesma forma todo o bem volta aumentado ao ponto de partida. Por isso faz aos outros o que gostarias que te fizessem.
- Ninguém recebe um minuto de dor, se não lhe tiver dado origem.
- Nenhuma dor ou sofrimento é superior à nossa capacidade de os suportar.
- Não encaremos a dor como castigo dos céus, porque Deus não castiga. Ela é apenas uma oportunidade que as leis eternas nos concedem para a purificação das nossas almas e sua consequente ascensão aos planos de felicidade e sabedoria espiritual.
- Não devemos criar novos motivos de dor, mas sim redimi-la através do amor e da prática do bem.
- O pensamento é uma força poderosa. Orientemo-lo no bom sentido e evitaremos futuros males.

A crença na doutrina da reencarnação ou pluralidade de existências, é conhecida e defendida desde a antiguidade e ensinada por diversas religiões, escolas filosóficas, linhas espiritualistas e esotéricas, bem como pela Doutrina Espírita e denominam-na Lei da Reencarnação, migração da alma e outras designações como a de renascimentos.

E de tudo o que se segue tomámos conhecimento.

Trata-se de um conceito milenar. Já o encontramos em todos os povos primitivos e nas mais diversas culturas além de que todas as religiões, desde as suas sábias origens, a têm perfilhado.

Os magos, assim chamados pelos persas e caldeus, eram mestres da ciência oculta e ensinavam aos seus pupilos a doutrina dos renascimentos como uma das verdades tidas como fundamentais.

Três mil anos antes da nossa era, já os egípcios ensinavam a reencarnação com estas palavras: «Antes de nascer, a criança já viveu e a morte não termina no nada. A vida é um chegar a ser que, como um dia de sol, recomeçará.» (Les Egyptes, de Marius Fontane)

Dos egípcios passou aos gregos, por Pitágoras e os seus discípulos. Sócrates, Platão, Empédocles, Apolónio de Tiana e tantos outros encarregaram-se de a popularizar.

Segundo tomámos conhecimento, Pitágoras ensinava que a Doutrina da Reencarnação tinha em conta as desigualdades observadas na vida terrestre dos homens.

Uma vida na carne não é senão um elo da longa cadeia da evolução da alma, dizia Pitágoras aos seus discípulos e, por vezes, referia-lhes passagens dalguma das quatro vidas que recordava.

Também Platão ensinava a doutrina dos renascimentos e observava que ela tinha como objectivo o facto de, nessas vidas, as almas corrigirem as más acções anteriores e que as almas reencarnavam em corpos semelhantes aos que tiveram em vidas passadas e com instintos e tendências adquiridas em anteriores experiências.

Sócrates e Platão transmitiam que as almas tomam novos corpos para repetir uma e outra vez as suas vidas físicas, a fim de desenvolverem as faculdades da psique e adquirirem ciência.

E também consta que observavam aos seus ensinados que as almas voltam do fado e os semelhantes são atraídos pelos semelhantes. Em Fédon pode ler-se: «A alma é mais velha que o corpo. As almas renascem sem cessar do fado, para voltar à vida actual.»

A escola de Hermes Trimegisto afirmava que as almas baixas e más permanecem acorrentadas à Terra por múltiplos renascimentos mas que as almas virtuosas, porém, sobem voando até às esferas superiores.

Já dentro da nossa era, Porfírio, filósofo neo-platónico discípulo de Orígenes e Plotino – século III d.C. – ensinou, em conjunto com outros filósofos, a mesma doutrina.

Amónio Sacas, defensor do sistema eclético e filósofo alexandrino que viveu entre 175 e 242 d.C. (e a quem Hiérocles chamou de Theodidaktos pela vastidão dos seus conhecimentos), defendia a doutrina do renascimento das almas, sendo ele que a transmitiu a São Clemente de Alexandria.

A famosa escola de Alexandria que nos tempos de Jesus era dirigida por Filo, até 40 da nossa era, aprofundou o estudo da alma e das civilizações passadas, sendo a reencarnação um princípio incontestado.

A escola de Alexandria referia que a alma recebe o corpo que lhe convém e está em conformidade com os seus precedentes, segundo as respectivas existências anteriores.

Jâmblico, filósofo grego dos séculos III e IV, observava que os homens que se queixam de padecer sem ter cometido faltas, ignoram que sofrem pelo que a sua alma fez anteriormente.

Orígenes afirmava que cada alma recebe um corpo de acordo com os seus merecimentos e prévias acções.

São Gregório Nacianceno (328 a 389) comentava que existe a necessidade natural de que a alma seja curada e purificada e que, se o não foi nesta vida, o seja nas seguintes.

Santo Agostinho, nas suas Confissões, interroga-se: «Antes do tempo que passei no seio da minha mãe, não terei estado noutra parte e sido outra pessoa?»

No Bhagavad Gita disse Krishna, há três mil anos: «Eu e vós tivemos muitos nascimentos. Os meus não são conhecidos senão por mim, mas vós não conheceis sequer os vossos.»

No mesmo Bhagavad Gita, num diálogo com Arjuna, ainda se pode ler que assim como a alma residente no corpo material passa pelas etapas da infância, juventude, virilidade e velhice, também oportunamente passa a outro corpo e, noutras encarnações, voltará a viver e a desempenhar uma nova missão na Terra.

Os Vedas afirmam a imortalidade da alma e a volta de novo à carne, sustentando que a alma é uma parte imortal do Homem, que umas almas vêm até nós e regressam e voltam a vir; que todos os nascimentos, felizes ou ditosos, são a consequência das obras praticadas nas vidas anteriores.

Segundo o Alcorão, Alá envia-nos muitas vezes, até a Ele regressarmos.

Virgílio (70 a.C. a 19 a. C.), na Eneida, afirma que a alma, ao fundir-se com a carne, perde a memória das existências passadas.

Ovídio (43 a.C. a 17 ou 18 d. C.), poeta, cantava que as almas vão e vêm. Quando voltam à Terra, dão vida e luz a novas formas.

Também os nossos antepassados celtas defendiam a reencarnação. Diziam os druídas que o ser se eleva desde o abismo e ascende em etapas sucessivas até à perfeição, encarnando-se no seio das humanidades nos mundos da matéria, que constituem outras tantas estações da sua longa peregrinação.

O judaísmo baseado em Moisés mantinha a crença na reencarnação, o que não é de estranhar visto Moisés, segundo consta, ter sido educado pelos egípcios. No entanto a palavra usada para a definir era ressurreição o que, de certo modo, é aquilo que acontece com a alma no seu trajecto evolutivo.

Flávio Josefo, historiador judeu, faz profissão de fé na reencarnação, explicando que fazia parte dos ensinamentos iniciáticos dos essênios e fariseus.

Os cabalistas judeus assim também o entendiam no seu misticismo. O rabi Isaac Luria (séc. XVI), fundador de uma das ramificações mais importantes da Cabala, ensinava, no seu sistema místico, o princípio da transmigração das almas.

Vejamos esta frase do profeta Malaquias: «Eis aqui que vos enviarei o profeta Elias, antes que chegue o dia grande e tremendo do senhor.» (Ml 3,23), que prova que os profetas de Israel tinham como base a reencarnação.

E a prova de que entre os hebreus existia a crença da reencarnação reside em que foi enviado a João Batista, pelo clero judaico, uma comissão destinada a perguntar se ele era o Messias ou se era Elias.

Repetindo a volta à carne, nova reencarnação de Elias como João Baptista é um facto confirmado pelo próprio Messias, quando declarou «E se quereis ouvi-lo, ele é Elias que havia de vir» e que estava anunciado por Malaquias.

Em João 3,1-10 existe aquela sábia conversa entre Jesus e Nicodemos: «E havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. Ele foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes, se Deus não for com ele. Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? Jesus Respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso? Jesus respondeu e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?».

Em Mateus 16,13-17 lê-se: «E chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? E eles disseram: Uns, João Baptista; outros, Elias e outros, Jeremias ou um dos profetas. Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que Eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne, mas meu Pai, que está nos céus.»

Faça cada um a interpretação que quiser, como é evidente, mas ainda poderíamos encontrar, nestes diálogos, argumentos interpretativos de maior profundidade e de sustentação do que a lei da evolução exige no processo da ascese da alma humana, que só com a lei da reencarnação se torna possível.

A crença na reencarnação foi mantida pelos cristãos, como doutrina, nos primeiros séculos do cristianismo.

No séc. IV, São Jerónimo, secretário do papa Dâmaso I e autor da Vulgata, na sua controvérsia com o gaulês Vigilantius, reconhecia que o renascimento das almas constituía a crença da maioria dos cristãos do seu tempo.

Mais tarde, porém, quando a igreja cristã passou a fazer parte do estado romano, tudo mudou gerando até as dúvidas que nos advêm ao interpretar os Evangelhos em face das alterações dos textos bíblicos.

Os pontos de vista de Orígenes e as teorias gnósticas passaram a ser atacados.

No segundo Concílio de Constantinopla – ano de 553 – por pressão do imperador Justiniano I, foi promulgada uma lei que declarava que todo aquele que defendesse a mística ideia da preexistência da alma e a maravilhosa opinião do seu regresso seria excomungado.

Excomunhão, naqueles tempos, significava perseguição com todas as consequências que a História Universal da nossa humanidade registou.

No Ocidente, em 1855, aparece em bom momento a Doutrina Espírita codificada com rigor por Allan Kardec que, através das comunicações com espíritos, tem em seu fundamento a reencarnação como consequência lógica e racional da Lei de Causa e Efeito que nos devolve um Deus de amor e de justiça confirmada pela Doutrina Messiânica de Jesus. (Livro dos Espíritos – parte 2ª – Caps. IV e V).

07-07-1980 Abrame